

A complexidade do desejo: você tem fome de quê?

Júlio César Conte¹

Início do caos

Em 1974, em Los Alamos, Novo México, no mesmo lugar onde, décadas antes, Robert Oppenheimer desenvolvera o projeto da bomba atômica, encontrava-se Mitchell Feigenbaum. Feigenbaum era um jovem cientista contratado pelo governo americano para pensar. Exatamente isso: pensar. Conhecido pela sua excentricidade, perambulava pelas madrugadas, durante as quais criava códigos aleatórios com a brasa dos cigarros, imaginando o que os guardas interpretariam daqueles sinais. Suas atitudes eram estranhas mesmo para uma divisão teórica que investia em novas ideias e perspectivas. Aos 29 anos, estava envolto num universo de possibilidades obscuras. Até mesmo os mais entusiastas da inteligência de Feigenbaum duvidavam que ele pudesse produzir algo original. Para confirmar a excentricidade, ele havia criado um relógio de 26 horas que usava para reger a sua rotina. A aparente simplicidade desse relógio de 26 horas possibilitou a observação que veio a ser uma das mais significativas dentro do pensamento científico: refletir sobre o funcionamento sistemas não lineares. Foi assim que Feigenbaum desenvolveu a teoria do Caos e, conseqüentemente, da complexidade.

Até então, imaginava-se que o pensar e o pensamento estavam chegando ao seu limite. Havia expectativas no ar. Seria o fim da física, da história e

¹ Psicanalista, diretor de teatro, ator e dramaturgo.

da ciência. Vivia-se a ilusão de um mundo finito, onde o conhecimento poderia ser albergado numa teoria do tudo. Esse objetivo tinha por base a pressuposição de que, ao estudar um sistema, uma vez obtidos os dados de *input*, teríamos condições de prever os resultados finais, ainda que aproximados. Apoiava-se em lógicas lineares. O relógio de 26 horas de Feigenbaum nos mostrou outra coisa. Se, nos primeiros dias, a diferença da rotina de Feigenbaum era de duas horas; com o passar do tempo, ele foi se distanciando cada vez mais até que, em determinado momento, estavam em completa oposição, ao passo que, depois de certo número de ciclos temporais, a rotina de Feigenbaum novamente coincidia com a dos pesquisadores de Los Alamos para logo a seguir iniciar novo ciclo de defasagem. Tal fenômeno passou a ser conhecido como dependência sensível das condições iniciais. Ou seja, valorizou a incerteza e a turbulência, gerando o pensamento complexo. Fenômeno que foi superficialmente chamado de Efeito Borboleta, ou seja, a noção de que uma borboleta agitando as asas em Pequim poderia modificar o sistema de tempestades em Nova Iorque no mês seguinte. Estávamos e sempre estivemos mergulhados no Caos, na incerteza e na complexidade. Essa descoberta foi o início do Caos.

O desejo na Psicanálise

O desejo é produtor de turbulência e move a ação humana. Aparece como central dentro do corpo teórico da psicanálise. Desde o *Projeto* de 1895, Freud associa o desejo à experiência de satisfação e ao reencontro como o objeto de satisfação, como motor do desejo. Além disso, ele destaca o vínculo relacionado com a ação específica e, com ganho secundário, a comunicação. Posteriormente, em vários momentos da obra freudiana, o desejo aparece culminando com a ideia genial do sonho como uma realização do desejo. Freud situava a essência do desejo na busca de um objeto perdido e o encontro era, para ele, um reencontro. Ele levou esta

proposta a tal ponto que o eu, o ego, passou a ser a identidade com a soma dos objetos perdidos, conforme postulado em *O ego e o id*. Por essa via, a clínica freudiana se apoia na ressignificação e no *a posteriori*. Uma busca do objeto perdido.

Lacan centrou o desejo na falta de tal objeto, que chamou de “Bem Supremo” e que se apresenta como fundador da Ética. Trata-se de um conceito que aparece intrínseco no *Projeto*, através da ação específica. Lacan também retoma o conceito kantiano da coisa em si, presente em Freud, e defende a realidade ordenadora — leia-se, a lei da proibição do incesto a partir da articulação do Real, do Simbólico e do Imaginário.

Nos dois casos, subjaz o ideal estrutural: Ego-Id-Superego em um e, no outro, Real, Simbólico e Imaginário.

Universo de possibilidade: inconsciente em Bion

Com Wilfred Bion, a Psicanálise segue um vértice original. O autor absorve de forma radical o princípio da incerteza de Werner Heisenber e se afasta do estruturalismo, avançando na construção de um modelo espectral. Tal desenvolvimento já aparece na teorização sobre as partes psicótica e não psicótica da personalidade e, a partir dos anos 1960, uma teoria do pensar baseada na preconcepção. Para isso, Bion constrói seu objeto psicanalítico, ou seja, seu instrumento teórico que sustenta a clínica, caracterizado pela complexidade. O objeto é formado por uma quase equação. A preconcepção busca uma realização que vai gerar concepções tanto de ordem narcisistas quanto sociais. Nesse ponto, Bion insere no algoritmo o M, *more*, algo mais, e inscreve e antecipa a complexidade e o caos.

A preconcepção em busca de realização se refere à expectativa vaga de que, no futuro, um objeto grandioso vai me satisfazer. E de que, por trás do

objeto, existe uma mãe que o sustenta. Por trás dessa mãe, haveria um casal criativo que sustenta essa mãe e, por trás desse casal criativo, o social que sustenta este casal. Ainda, por trás do social, há uma mente criativa que sustenta o social e retorna, elipse criativa, num *looping* autorreprodutivo em direção à preconcepção.

A realização é a experiência que vai saturar essa preconcepção. Ela está na ordem da experiência na qual há uma sucessão de conjuntos infinitos com repetição de signos que revelam uma simetria oculta. Ou seja, dentro de um universo de possibilidades, a realização cria uma marca empírica. O oculto da simetria é a janela da complexidade.

Por essa via, a experiência catalisa o operador, que encontra um objeto que sustenta a dúvida e acalma a ansiedade. Sendo assim, o objeto psicanalítico de Bion dá conta de dois vértices. Se, de um lado, a preconcepção faz o papel inicial de inato, a realização, de outro, pelo caráter subjetivo da experiência, faz o papel do aprendido. Nesse ponto, o pensamento de Bion cria um diálogo inédito entre o *a priori* de algumas teorias psicanalíticas e o *a posteriori* de Freud. Forma-se, assim, uma cesura entre o passado e o futuro. Porém, essa separação não é tão simples, pois a preconcepção antecipa a sombra de uma experiência, como se fosse uma memória do futuro, e a experiência é a impressão da luminosidade do futuro no presente da realização. O inato dá lugar à experiência, mas não perde o caráter apriorístico. De um lado, a preconcepção carrega o peso aparente do inato; a realização, por sua vez, faz parte da experiência e cria a subjetividade ao formar uma concepção, uma vez que a preconcepção busca uma nova realização. Bion previa a existência de muitas preconcepções, porém listou apenas duas: a inato do seio e a edípica. O M do objeto psicanalítico sustenta um vértice vazio direto para o desconhecido, talvez algo análogo ao que Freud chamou de “umbigo do sonho”.

O sonho e indeterminismo determinista

O umbigo dos sonhos vai direto ao desconhecido.

O sonho é o leito sobre o qual se desenrola a evolução humana. O passado, do mesmo modo que o futuro, são dele constituídos. Muito mais do que os fatos, o sonho rege e reinventa a vida. Então, temos o indeterminismo da preconcepção que funciona, numa lógica não linear, como um conjunto vazio, um continente à espera de um conteúdo, uma janela sem paisagem, um útero vazio à espera de preenchimento. Sob a lógica indeterminista, não podemos saber da realização que ainda não ocorreu a não ser em forma de sombra, fantasma, possibilidade ou probabilidade.

O homem é a sombra de um sonho.

No outro vértice, temos a experiência que, uma vez realizada, vai conferir marcas, como Freud anunciou na primeira tópica, e, conseqüentemente, o determinismo, a relação causal, o conhecido e a lógica linear.

A complexidade desse sistema reside no fato de que a indeterminação e o determinismo mantêm um diálogo numa elipse turbulenta, tendo o caos em sua radicalidade, em seu limiar; no mais caótico e no mais turbulento, teremos a criação de novos elementos temporariamente estabilizados em um novo *looping* de realizações criativas.

A previsibilidade, o determinismo e o indeterminismo

A psicanálise fez um grande esforço para se inserir no âmbito da ciência. Para tanto, foi preciso que exagerasse no determinismo, a fim de validar

cientificamente suas teses. Freud empreendeu grande esforço científico e até mesmo político para elevar a psicanálise à condição de ciência, embora ele mesmo fosse pródigo em sustentar as dualidades. Tentou o quanto pôde sustentar determinismo para validar a psicanálise como ciência, mas o Freud pensador sempre foi mais esperto do que o Freud político, embora este último não deva ser subestimado. Ao sustentar concepções diversas sem eliminar as anteriores, ele criou um convívio de concepções de épocas diferentes, verdades transitórias e complexas, sem preocupação com uma solução final. Tal movimento pode ser captado nos tantos adendos sem datas inseridos na *Interpretação dos Sonhos*. O inconsciente como um palimpsesto no qual o papiro sobreposto é o potencial de preconceção que pode ser escrito e apagado e que simultaneamente retém os resquícios do apagado e sustenta a possibilidade de novas escritas.

Nesse empreendimento, que também é o nosso, Freud teve de se defrontar com a lógica linear do determinismo. A relação determinística do passado como modelo para o futuro pode — embora eu não acredite — dar conta do sintoma, da repetição e da estagnação da vida cotidiana, mas não dá conta — nisso eu acredito — do processo criativo. Todas as tentativas de exploração da criatividade reproduzem apenas a criação do sintoma, pois está submetido a um argumento circular. Estamos novamente na dependência sensível das condições iniciais. Algo sempre escapa no determinismo. Sob o viés do determinismo, John Keats seria um menino aleijado trabalhando numa cocheira e não um dos maiores poetas românticos.

Inato e a experiência do aprendizado

O diálogo entre o inato e o aprendizado pode ser representado na prematuridade humana. O crescimento do cérebro pode ter sido a causa disso. A mãe precisava parir seus bebês prematuros, com nove meses, a fim

de evitar o colapso. Esse evento possível criou espaço para o aprendizado como uma evolução do inato.

O aprendizado, por sua vez, produz o conhecimento que se estabelece de forma linear dentro do *Establishment* e mantém novos campos para além da lógica linear.

A lógica linear pode ser pensada como resultante de uma lógica não linear que a antecipa e que simultaneamente permanece, mesmo após o estabelecimento da ordem — e vice-versa. O não-linear pode se estabelecer na linearidade. Do instável para o estável e do estável para o instável.

Ou seja, algo se cria e algo permanece.

A transformação e a invariante.

Mesmo após a experiência que determina, o indeterminismo mantém seu âmbito de potencialidade. O Caos, por seu caráter combinatórios e turbulento, mantém um padrão que alberga uma nuvem infinita de possibilidade. O limiar do caos é o momento de maior criatividade. É a turbulência na mente do artista, na sessão analítica ou no processo de pensamento.

Em sua última sessão com Melanie Klein, Bion disse estar cego, surdo e mergulhado numa imensa turbulência emocional, pois a questão que ele sistematicamente vinha formulando não conseguia ser respondida.

É a pergunta: O que é a psicanálise?

Melanie Klein poderia ter respondido diferente do que o fez, e pergunta: Você tem fome de quê?

Combinações

No limiar turbulento do caos, vão se estabilizar combinações, muitas tão instáveis que se destroem no exato momento de criação, fugazes, e outras viáveis. E, a partir da estabilidade desta, criam-se as regras. Sistemas filosóficos e científicos, correntes estéticas e teorias de toda a ordem. Algumas dessas regras estabelecidas perderão vigência, enquanto outras irão formar um corpo teórico que poderá durar anos, até que algo novo emane e estabeleça nosso *looping* autorreprodutivo. O universo do saber é um imenso corpo volátil que estabiliza por segundos, séculos ou milênios, para desaparecer na escuridão dos tempos e brilhar em *flashes* de pensamento.

A ciência sempre tem no determinismo seu porto seguro e sobre ele estabelece a primazia do conhecimento. O indeterminismo sempre fascinou os artistas e os poetas, em sua subversão da linearidade e do lugar comum. A psicanálise é ciência e arte e, portanto, tem de lidar com essa dupla vicissitude.

A teoria do Caos, a turbulência e a complexidade nos remetem ao sujeito criativo *versus* o repetir de tecnologia.

Bion escreveu que a psicanálise deveria ser o reservatório de pensamentos selvagens que iria nos salvar da mesmice do pensamento civilizado. É justamente o pensamento selvagem que faz a evolução da espécie. O mais antigo é o mais avançado. No meio, temos o estabelecido, o conhecido, o determinado.

Pensamento complexo

No pensamento complexo se forma nessa noção de um sistema constituído por um conjunto de partes diferentes, unidas e organizadas, no qual é

preciso juntar as partes ao todo e o todo às partes. A circularidade mantém o caráter retroativo do sistema. Contrário à ideia linear, sugere uma causalidade circular na qual o próprio efeito volta à causa. *Looping* auto produtivo que revela que somos o produto de um ciclo de reproduções que produz gerações e gerações. O produto é o próprio produtor. Efeito, ele é, ao mesmo tempo, causa. Conceito hologramático que se opõe ao linear, pois a parte está dentro do todo e o todo está no interior das partes. A complexidade é essencialmente dialógica, democrática, na medida em que se torna necessário juntar princípios antagônicos e , ao mesmo tempo, complementares. Nesse esforço, o pensamento complexo trata de rejuntar aquele que conhece ao seu conhecimento. Integrar o observador à sua observação e o conhecedor ao seu conhecimento. Tornar o sujeito aquilo que ele é. Transformação de K em O.

O desejo está mais além e aquém da falta. Situa-se na ordem do indeterminismo, pois implica criação. Num eterno *looping* auto produtivo que nos inventa a cada momento, que nos separa das gerações anteriores, que cria novos hábitos, novas relações, inventa um novo homem. Que se reinventa de si mesmo.

Mente com um sistema complexo, não linear, instável

O sistema psíquico é instável e a mente humana, o modelo maior de todo sistema complexo. A tendência de a mente ser tomada como uma máquina foi analisada por Bion em diversos momentos de sua obra. A máquina processa entre dois operados: o zero e um, por exemplo. Por sua vez, a mente humana tem de lidar com um processo no qual há uma quantidade bem maior. Temos operadores próprio-perceptivos, auditivos, olfativos, visuais, orais, anais, genitais. Todos já operam num período pré-natal. Estes funcionam como janelas da alma; molduras à espera das paisagens.

Na cesura do nascimento, esses operadores são reativados sob outra perspectiva. A saída do meio líquido intrauterino para o meio gasoso do mundo externo reativa esses operadores. Na cesura do nascimento, a luz estimula a visão, a gravidade aguça a propriocepção, a sonoridade acorda a audição e discrimina sonoridades, o alimento estimula a oralidade, o cheiro — enfim, todos ganham novas formas. As molduras vão gradativamente ganhando uma paisagem. Essa travessia é repleta de complexidade, caos e turbulência. Aquilo que era potencialidade, indeterminada, potencial, possibilidade, encontra uma realização e a partir daí passa a obter marcas, tatuagens da alma, determinações que nos acompanharão. É provável que esses operadores mantenham parte dessas janelas psíquicas não saturadas. Trata-se de espaços entre branco na paisagem e, por isso, ainda guardam a capacidade de se reinventar. De outro modo, teríamos de lidar com um ser humano que teria se extinguido num universo finito e estável, submetido à teoria do tudo. O grande número de operadores, tanto pré quanto pós-natais, criam um sistema muito além da lógica binária da máquina. Esse sistema complexo, tão vasto, sustenta a vida apenas na medida em que não é mais repetição. É criação. É combinação, formação de estruturas; algumas se dissolvem em si mesmas no exato momento de criação, outras se mantêm outras permanecem latentes, à espera de novas condições de existência, e outras, ainda, congelam-se num passado fóssil. O desejo e sua complexidade vão se produzir nesse caldo primordial. A interpretação da repetição cria e cristaliza a repetição.

Clínica da complexidade

Em função da complexidade antecipada na obra de Bion, temos uma evolução extremamente sutil e delicada na clínica psicanalítica. O preceito de evitar a memória, o desejo e a necessidade de compreensão. Essa ideia precisa ser esclarecida contra a superficialidade das críticas que recebe.

Quando sustenta como pilar básico da observação clínica a evitação da memória, do desejo e na necessidade de compreensão, Bion está afirmando a importância de captar o indeterminado dentro do sistema, o não-linear. A memória e o desejo levam inevitavelmente à observação do conhecido. Consequência disso é a repetição marcada pelo determinismo e a eterna repetição dos congressos de psicanálise mais preocupados em provar aquilo com que todos concordam do que investigar aquilo que não sabemos. A lógica linear se coloca, dentro dessa perspectiva, no sentido de manter o pensamento dentro do âmbito do já conhecido.

De outro lado, se conseguimos, num grande esforço contra a tendência humana de obter respostas o mais rápido possível e com o mínimo de esforço psíquico, temos a chance de captar o indeterminado do desejo, o complexo, o algo a mais, o novo. Aquilo que se produz no limiar do caos, na turbulência máxima onde o grau de criatividade e destrutividade estão na maior intensidade. A criação se revela na interface entre o caos e a ordem. Deste choque surge a grande turbulência dos nossos tempos. O indeterminado do desejo, aquilo que temos de criar, pois não se encontra nem passado nem no futuro.

Essa cesura marca o desejo como móvel, instável e criativo.

Referências

Bion, W. R. *Complete Works*. Londres: Routledge, 2014.

Chuster, A. et al. *Psicanálise: dos modelos aos princípios ético-estéticos*: Volume I. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 1997.

Chuster, A. *Psicanálise: dos princípios éticos estéticos à clínica*: Volume II. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2003.

Conte, J. *Cadernos de Bion I*. São Paulo: Escuta, 1997.

Conte, J. *Cadernos de Bion II*. São Paulo: Escuta, 1999.

Gleick, J. *Caos: a criação de uma nova ciência?* Rio de Janeiro: Editora Campus, 2006.

Heisenberg, W. *Física e Filosofia*. Brasília: Editora UNB, 1995.

Morin, E. *Introdução ao pensamento complexo*. Porto Alegre: Sulina, 2015.

Revisão gramatical de **Bruno dos Santos Konkewicz**

Revisão técnica de **Clarissa Salle de Carvalho**

Júlio César Conte

Rua Quintino Bocaiúva, 649/705

90440-050 — Porto Alegre – RS

julioconte@me.com

© Constructo Revista de Psicanálise